

Nestas seções, Cuche analisa com aguda penetração os usos distorcidos e tendenciosos do termo cultura, às vezes, por exemplo, como substituto eufemístico da noção de raça. Quanto à falácia da noção de cultura de empresa, Cuche revela a sua completa impropriedade teórica como instrumento conceitual incapaz de dar conta da heterogeneidade do objeto a que se refere, antes ocultando as tensões e conflitos entre as microculturas de que é composto o universo sociocultural das grandes empresas.

Trata-se, como quer que seja, de um pequeno e útil livro a quem queira estar a par do debate em torno dos problemas epistemológicos que o conceito de cultura ainda suscita.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco

MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro (Aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil)*. Campinas: Unicamp-Fapesp, 1999. 335 p.

A cultura brasileira passou da fase de interpretações gerais do Brasil – década de 1930, com as obras clássicas de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior – para a fase monográfica universitária de teses de mestrado e doutoramento, em parte transformáveis em livros pesquisando setores da vida do Brasil em praticamente todas as áreas, não só de Ciências Sociais. Raros, porém, dignos de sobrevivência além da função de obras para consulta de poucos interessados, porque especialistas. Possível a vinda de outro período, quando estas análises servirão entre as matérias-primas de futuras novas sínteses.

Pedro Meira Monteiro inscreve-se na bibliografia sobre Buarque de Holanda com sua crítica a ele, centrada em torno da sua principal obra, *Raízes do Brasil*.

Ali, o conceito-chave de “homem cordial” tinha naturalmente de ser uma das preocupações de análise. Expressão, aliás, oriunda de Ribeiro Couto em carta a Alfonso Reyes, então diplomata mexicano no Rio de Janeiro. Nenhum dos dois nunca previu que o termo ia causar tanta polémica. Em última instância, Alfonso Reyes concordou não só por cortesia com Ribeiro Couto, também correspondia à linha vindo do uruguaio Rodó (*Ariel*, 1899),

que queria contrapor este símbolo diáfano de Shakespeare ao também simbólico deformado gigante Caliban, pretendendo significar a oposição entre a beleza do idealismo latino (americano) à rudeza anglo (americana).

Nesta linha de generosa, mais que meramente otimista, auto-análise, é que se deve inserir tanto o homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda quanto a democracia étnica de Gilberto Freyre. Só que Buarque de Holanda teve de recuar na polémica de Cassiano Ricardo contra a cordialidade intrínseca do brasileiro, enquanto Freyre persistiu na democracia étnica, não como produto acabado e sim por estar o Brasil muito mais próximo dela, que a maioria dos países dilacerados até por guerras raciais.

Realmente, ou se aceita a interpretação de Valeriano Mendes Ferreira da Costa (Vertentes Democráticas em Gilberto Freyre e Sérgio Buarque. *Lua Nova*, São Paulo, n. 26, 1992), que existe uma potencialidade democrática não só em Buarque de Holanda, quanto em Gilberto Freyre, mesmo em “embrião”, ao contrario de Oliveira Viana em relação ao passado brasileiro condicionador do seu futuro; ou tem-se de aceitar Carlos Guilherme Mota (na sua série de ensaios *Fazendeiros do Ar, A Perspectiva do Historiador e Uma Visão Ideológica*) quanto à “perspectiva aristocratizante” de ambos, nisto ao lado de Paulo Prado, *Retrato do Brasil (Ensaio sobre a Tristeza Brasileira)*, 1928, contra o qual em parte se dirigem a cordialidade de Sérgio Buarque de Holanda e a democracia étnica de Gilberto Freyre.

Diante do dilema, Pedro Meira Monteiro sai-se muito bem, sem ecletismos, nem propósitos de conciliar o inconciliável.

Pois, com Nicolau Sevcenko que confessadamente nisto foi largo inspirador de Pedro Meira Monteiro, trata-se mais de manter a iconoclastia de ontem que ceder à iconolatria de hoje, capaz, acrescentando-se, de, por sua consciência ingênua, como diria Hegel, recair, por decepção, no pessimismo de anteontem, o de Oliveira Viana e Paulo Prado, por sua vez desiludido com as euforias do romantismo do século XIX...

Vamireh Chacon
Universidade de Brasília

NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As possibilidades da política: idéias para a reforma democrática do Estado*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. 305 p.